

# Acreditamos mesmo na segunda vinda de Jesus?

Notícia sobre sessão do CEMES, 25 de Junho de 2016

igreja  
do  
mirante

E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas. Homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; porquanto as virtudes do céu serão abaladas.

E então verão vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória. Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.

E disse-lhes uma parábola: **Olhai para a figueira, e para todas as árvores;** Quando já têm rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. Assim também vós, quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o reino de Deus está perto.

Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo aconteça.  
**Passará o céu e a terra, mas a minha Palavra não passará.**

Lucas 21:25-33

O CEMES é um espaço em que procuramos apresentar e debater temas desafiadores, tanto sob o ponto de vista ético como teológico. Na sessão de Junho passado, fomos confrontados com a nossa crença pessoal na segunda vinda de Jesus. O tema proposto versa um acontecimento futuro que nos causa alguma perplexidade! Apesar do Cristianismo do nosso tempo tender a relativizar tudo, nomeadamente um assunto como este, vários textos bíblicos referem a promessa de uma segunda vinda de Jesus. De qualquer forma, sempre que repetimos os credos históricos continuamos a afirmar a nossa crença nessa segunda vinda, declarando que Jesus “..está sentado à direita de Deus Pai, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos”. Os primeiros cristãos esperavam essa segunda vinda ainda no seu tempo. Ao longo do tempo, muitos grupos religiosos têm explorado este acontecimento, anunciando-o para muito em breve, ousando até prever datas concretas, algumas de um passado recente outras de um futuro muito próximo, o que tem contribuído para desacreditar e/ou desvalorizar essa promessa de Jesus. Entretanto, talvez por causa disso, as igrejas históricas como que abandonaram este tema ou têm evitado referir-se a ele, pelo menos nos últimos anos. Se alguns consideram este acontecimento assustador, para outros soa a “conto infantil”, um acontecimento que não se enquadra no pensamento do nosso tempo, que se pretende científico. No entanto, apesar de envolver algum mistério, a segunda vinda de Jesus é uma esperança cristã, que devemos encarar com naturalidade, sem perder de vista tudo o que a Bíblia nos pode ensinar a esse respeito.

Na última sessão do CEMES de 2015-2016 estiveram presentes 58 pessoas, entre as habituais e as estreatantes, todas de alguma forma interessadas nos finais dos tempos e no tema em debate. O orador convidado foi o Pastor Tiago Cavaco, da Igreja Batista da Lapa, em Lisboa, formado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, também conhecido pela sua vida artística na área da música punk e como autor de livros, o primeiro de 2013 em parceria com a sua mulher, com o título

“Felizes para sempre e outros equívocos acerca do casamento”, que também foi apresentado numa das sessões do CEMES do ano anterior. Desta vez, gentilmente, o orador cedeu-nos o texto da sua apresentação, que transcrevemos:

Para as igrejas que seguem um calendário litúrgico, com épocas especiais bem marcadas, é habitual ler por ocasião do Advento a parábola que Jesus contou sobre a figueira. O Advento, que é o período que começa no quarto Domingo anterior ao dia de Natal e que sugere uma celebração profunda do nascimento de Jesus, tende a ser rico em textos que enfatizam a espera. E podemos perguntar, porquê? Se Jesus já veio, por que temos de continuar a valorizar a espera? Sobretudo por duas razões: primeiro, porque Jesus não veio sem que antes disso muitas pessoas esperassem por ele; e, segundo porque temos de continuar a esperar que Jesus venha agora uma segunda vez. Com o seu ingrediente de espera, o Advento ajuda-nos a apreciar a primeira vinda de Jesus e a ansiar pela segunda. Por causa disto, em Novembro passado preguei na Lapa um sermão chamado “Ver o futuro numa figueira” que sugeriu uma combinação apropriada quando a Helena Vilaça me convidou para falar na Igreja no Mirante sobre o assunto da segunda vinda de Cristo. Assim sendo, recordem que vos falo sobretudo enquanto pastor. Serei menos académico do que tem sido o contexto destas palestras, mas conto ainda assim com a vossa generosidade (uma característica que tenho sempre encontrado na Igreja do Mirante).

O título que abre caminho para hoje não podia ser mais certo, quando o assunto é o futuro para os cristãos: “Será que acreditamos mesmo na segunda vinda de Jesus?” Assim ainda sem grande reflexão, diria que sim, que acreditamos mesmo. Ou, de uma maneira mais fatalista, diria que enquanto cristãos não temos outro remédio se não acreditar. Mas por outro lado, reconheço no tom da pergunta, no “mesmo” que está lá estrategicamente colocado, que provavelmente a espera pela segunda vinda de Jesus está tão encostada a um canto escuro da casa que se torna, no mínimo, desconfortável falar dela. E é aqui que devemos assentar um dos alicerces para a nossa conversa de hoje: o desconforto com o assunto da segunda vinda de Cristo é um sintoma preocupante para a saúde do nosso cristianismo.

Como vou fazer ligações àquele sermão que preguei em Novembro de 2015, é importante que tenhamos diante de nós o texto bíblico de Lucas 21:25-33. Fica subentendido nas palavras que Jesus dirige aos seus discípulos, a pretexto da parábola da figueira, que quando o assunto é fé, não dá para separar o passado do futuro. O que também nos pode servir para apontar uma das fraquezas do cristianismo ocidental de hoje: escolher selectivamente o passado para nos encantarmos com ele de um modo que dispensa pensar muito num futuro que nos é desconhecido, pode parecer um aparente alívio intelectual mas na verdade não nos faz bem nenhum. Aquilo que pode parecer uma humildade intelectual, de não mexer muito no assunto das coisas que estão por vir, não é na fé uma força mas uma fraqueza - porque na fé passado pede sempre futuro. Em rigor, qualquer pessoa que acredita no que Cristo diz é por natureza uma pessoa apocalíptica. Fugir do facto é apenas ganhar mais um soluço para o discurso cristão ocidental engasgado.

Ouvimos a palavra “apocalipse” e geralmente pensamos em extremos. Assusta-nos o extremo de

cristãos que vivem apocaliptizados de uma maneira que parece que para eles tudo na fé se resume ao fim, havendo pouco espaço para o meio. Não nego que também acho estas pessoas na maior parte das vezes sinistras, alucinadas e mesmo arrogantes, sobretudo quando fazem das suas constantes estimativas sobre quando Jesus voltará uma superioridade moral em relação a todos os outros, que não estão convencidos do que elas estão convencidas. Basta uma voltinha pelo Google e não teremos dificuldade em encontrar mais um movimento qualquer, identificado com a fé cristã, que mais uma vez previu uma data que não se cumpriu para o fim do mundo. Nestas ocasiões, há o risco de rapidamente quereremos ressaltar que o nosso cristianismo não é o cristianismo daquela gente. E, ironicamente, acabamos a dar à arrogância de uns a nossa própria arrogância.

No entanto, quando ouvimos a palavra “apocalipse”, também existe o outro extremo, para o qual mais facilmente eu me inclino e para o qual provavelmente mais hoje nós aqui reunidos nesta palestra nos inclinamos – esse extremo é viver sem pensar devidamente no fim. Há cristãos que vivem tão pouco apocaliptizados que dá a ideia que se Jesus voltasse agora lhes ia estragar a vida. Creio sinceramente, e mesmo tendo em conta que este é o extremo para o qual me inclino, que este é um erro ainda mais grave que o primeiro. Porque este erro indica claramente que a cabeça de cristãos assim, pouco apocaliptizados, está mais nesta vida que na outra, algo no mínimo complicado de harmonizar com a ideia de que fomos criados para uma comunhão eterna com Deus e que só será perfeita nessa outra vida, nos novos céus e na nova terra. É por isso que a pertinência desta conferência é mais que muita.

Um dos elementos que deve ressaltar na leitura deste texto de Lucas 21:25-33 é a tal ligação entre passado e futuro que já foi mencionada. Quando fala, Jesus assusta-nos como os profetas do Velho Testamento já nos tinham assustado. O profeta Joel já falava de sinais no sol, na lua e nas estrelas (Joel 2:30-31); o profeta Isaías já nos falava de perturbações nas nações (Isaías 24:19), de medo dos povos (no verso 26, ecoando Isaías 13:6-11), e de virtudes dos céus abanadas (no verso 26, ecoando Isaías 34:4); os Salmos já nos falavam do mar a rugir (no verso 25, ecoando o Salmo 46:3); e o profeta Daniel já nos falava do regresso do Filho do homem nas nuvens (no verso 27, ecoando Daniel 7:13). Por outro lado, os Salmos (102:25-26), Isaías (51:6), Jeremias (4:23-26) e Amós (9:8) já tinham dito antes, tal como Jesus está a dizer agora (no verso 33), que o céu e a terra eram passageiros. Os sustos do velho judaísmo são os sustos do cristianismo.

É curioso que este tipo de discurso apocalíptico seja ainda hoje aquele que visualmente se mantém, pelo menos no sentido em que as pessoas o associam a cenários de grande destruição natural. Os filmes americanos de fim do mundo atraem-nos na medida em que, recalibrados com nova tecnologia visual, põem o mundo a destruir-se com um impacto que é parente do tipo de discurso que Jesus está aqui a usar. Talvez a correspondência entre estas palavras da Bíblia e os delírios da ficção científica filmada aumente o nosso desconforto com a segunda vinda de Jesus – quem é que quer ter uma religião respeitada intelectualmente que parece um disaster movie de Hollywood?

Por outro lado, e mesmo tendo em conta que não estou a pregar um sermão, quero mencionar um efeito que pode ser provocados pelo conteúdo do que Jesus diz na parábola da figueira. O efeito provocado pelas palavras apocalípticas de Jesus é o tal susto diante de alterações tão significativas na natureza. Por que

ficamos tão assustados perante um discurso que anuncia a transformação na natureza à nossa volta? Creio que a resposta passa por aqui: ficamos assustados perante transformações na natureza porque a natureza nos parece aquilo que é mais imune à transformação. Pelo facto de nos levantarmos todos os dias e vermos o sol, a lua, as estrelas, o céu e a terra da mesma maneira, temos essa mesma maneira como cenário fundamental da nossa segurança. Uma parte importante da nossa segurança está no facto de o sol, a lua, as estrelas, o céu e a terra estarem na mesma dia após dia.

Este discurso apocalíptico de Jesus e toda a tradição apocalíptica bíblica assustam--nos porque pegam no tapete dessa segurança e de uma vez só tira-o de debaixo dos pés. A pergunta que Jesus nos faz implicitamente, quando põe as coisas supostamente estáveis em instabilidade, é: que pessoa vais ser tu quando as coisas onde pões a tua segurança deixarem de ser seguras? É uma pergunta terrível e é natural que nos sintamos amedrontados. A resposta que damos é o nosso comportamento diante da instabilidade das coisas estáveis. Isto quer dizer que o discurso cristão apocalíptico é por natureza virado para uma desestabilização intencional no quadro das nossas seguranças pessoais e internas, o que o pode tornar especialmente incómodo para uma cultura que conheça níveis muito consideráveis de comodidade. Se calhar, não acreditar mesmo na segunda vinda de Jesus é a maneira possível que um cristão acomodado tem de acreditar em Jesus.

É possível detectar duas respostas bem opostas diante desta desestabilização apocalíptica bíblica, e continuo a seguir o assunto de uma maneira essencialmente pastoral estabelecendo a seguinte dicotomia. A primeira é deixarmo-nos desassossegados pelo medo da instabilidade das coisas anteriormente estáveis e percebermos, por causa disso, que somos pessoas que confiam mais nas coisas que no Criador delas. A segunda possibilidade é confiarmos no Criador das coisas mesmo quando elas, que antes eram estáveis, agora ficaram instáveis. Por causa desta segunda atitude, perceberemos que somos discípulos. O que Jesus nos está a ensinar neste discurso apocalíptico é que diante da instabilidade das coisas que antes eram estáveis só existem dois tipos de pessoas: desassossegados ou discípulos. Nesta conversa de Jesus, é suposto que aquilo que assuste uns seja o que assegure outros. Parece brincadeira mas é o estranho método de tranquilização do evangelho – aquilo que mete os outros a tremer deve ser o que te põe a ti tranquilo.

Aqui chegados, gostava de sugerir uma saudável cultura apocalíptica, à medida do que este texto de Lucas 21 nos pode inspirar, que nos ajude a acreditar mesmo na segunda vinda de Jesus. Vou sugerir esta saudável cultura apocalíptica, que é outra maneira de falar na qualidade de discípulo que é necessária a qualquer cristão, e vou fazê-lo em três passos.

Num primeiro passo, uma saudável cultura apocalíptica, que confirma que somos discípulos e não desassossegados, torna-nos humildes diante da suposta estabilidade das condições naturais à nossa volta. A escritora Simone Weil dizia que nunca tinha conhecido um agricultor ateu. As pessoas que vivem mais perto da terra vivem também mais perto de não ter como garantido aquilo que a terra dá. Ou seja, quem conhece melhor a terra, sabe que ela não é tão estável assim. Quem conhece os processos naturais, ganha uma capacidade de apreciar uma vasta relação de dependências externas, reconhecendo que o nosso

empenho, sendo necessário, é apenas parte de um processo que está além do nosso controle. Uma cultura que tem lavradores é uma cultura que, por outro lado, celebra as colheitas com gratidão. Ser discípulo de Cristo é ser apocalíptico de uma maneira humilde diante das condições naturais que nos ultrapassam. Neste sentido, acreditar mesmo na segunda vinda de Cristo é ter uma relação mais humilde e profunda com a natureza à nossa volta. Agora reparem na ironia: para muitos cristãos pode ser difícil acreditar na segunda vinda de Cristo porque ela parece pouco científica. Mas o que é pouco científico é presumir que o mundo será sempre tal e qual como o conhecemos hoje.

Num segundo passo, uma saudável cultura apocalíptica, que confirma que somos discípulos e não desassossegados, torna-nos sensíveis à palavra. Um dos combates mais duros para um cristão que vive hoje no mundo ocidental é um combate filosófico, que tantas vezes passa despercebido, e que é travado no campo da palavra. Muito resumidamente, os cristãos acreditam que as pessoas são invenção da palavra e não a palavra invenção das pessoas. "Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão-de passar", diz o verso 33. Se a palavra de Deus não é o maior valor, colocamos, segundo este texto, a nossa segurança numa coisa objectivamente mais frágil que ela, porque todas as coisas que existem só existem por causa da palavra de Deus. Uma cultura logocêntrica como a cristã é uma cultura que afirma que o elemento mais estável que é o verbal, precisamente aquele que hoje é tido como o mais volúvel. Ser discípulo de Cristo é ser apocalíptico de uma maneira sólida na palavra quando a palavra é tida como completamente flexível. Neste sentido, acreditar mesmo na segunda vinda de Cristo é ter uma relação profunda com a palavra no geral, e com a palavra revelada de Deus no particular que é a Bíblia.

Num terceiro e último passo, uma saudável cultura apocalíptica, que confirma que somos discípulos e não desassossegados, torna-nos mais atentos e deslumbrados diante da criação. Nas últimas décadas tem havido uma encorajadora ênfase numa visão cristã da natureza, com um forte despertar ecológico. Isto é formidável e deve ser continuado, sem cair em panteísmos (que estão sempre à espreita na re-paganização em curso do Ocidente). Inspirados pelas palavras de Jesus (no verso 29), os cristãos têm de olhar para o futuro olhando para as figueiras à nossa volta. Se queremos saber aquilo que no futuro é extraordinário, devemos olhar para o que no passado e presente é comum: a natureza que nos rodeia. Os cristãos rejeitam os videntes e os profetas da desgraça como as vozes autorizadas para nos falarem do que está por vir, e optam em alternativa pela agricultura e pela jardinagem. Neste sentido, acreditar mesmo na segunda vinda de Cristo é ter uma relação atenta e deslumbrada diante do que nos cerca.

Ser apocalíptico é ser humilde e empenhado no conhecimento que temos do mundo à nossa volta, é ser firme na valorização da palavra, e é ser encantado pela beleza das coisas. Não é coisa pouca e não é coisa má.

Esta foi a última sessão do CEMES deste ano letivo. No próximo mês de Setembro, será apresentado o plano para 2016-2017 e também serão retomadas as sessões habituais. Entretanto, podem ser enviadas sugestões de temas para o e-mail da Igreja do Mirante ou diretamente para as dinamizadoras do CEMES.